



## A FENOMENOLOGIA DO INTELLECTO EM SCHOPENHAUER

André Luiz Simões Pedreira\*

Kleverton Bacelar Santana\*\*

Este artigo intitulado “a fenomenologia do intelecto” busca apresentar o primeiro capítulo da dissertação de mestrado do autor, que se propôs a investigar a definição de intelecto disseminada nos escritos de Schopenhauer que tratam especificamente da teoria do conhecimento. Tal concepção de intelecto provocou uma aguda ruptura com a tradição filosófica, pois Schopenhauer o concebe como não substancial, isto é, sem fundamento metafísico, sendo apenas uma função fisiológica do cérebro, que possibilita apenas o conhecimento de fenômenos mediante as formas do princípio de razão, a saber, espaço, tempo e causalidade, e que por sua vez estaria subordinado a Vontade metafísica e irracional, conceito capital da filosofia schopenhauriana. Portanto, tal capítulo tentou mostrar exaustivamente as características fisiológicas do intelecto em Schopenhauer que se opõem radicalmente a todas as teorias que partem do pressuposto de que o intelecto humano é reflexo de uma inteligência divina, situada no plano metafísico e que lhe serve de fundamento.

**Palavras-Chave:** Intelecto; Cérebro; Conhecimento, Razão

### INTRODUÇÃO

Hasta ahora todos los filósofos se han equivocado al poner lo metafísico, lo indestructible, lo eterno del hombre, em el *intelecto*: se halla exclusivamente en la *Voluntad*, que es totalmente distinta de aquel y la única originaria. Tal y como se expuso fundadamente en el libro segundo, el intelecto es un fenómeno secundario y condicionado por el cerebro, por lo que empieza y termina con él (SCHOPENHAUER, 2005, p. 549).

Diante de uma produção exaustiva sobre o intelecto, disseminada nas obras de Schopenhauer, e mais especificamente naquelas que tratam da Teoria do Conhecimento, a saber, *Sobre a quádrupla raiz do princípio de razão suficiente* (1813), no primeiro livro do *Mundo como vontade e representação* e no apêndice intitulado *Crítica da filosofia kantiana* (1818), arriscamos afirmar ser o intelecto um tema menor em seu construto filosófico. Tal adjetivo não se justifica pela ausência ou superficialidade no trato do conceito de intelecto, mas por seu status

---

\* Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, na Linha de Pesquisa de Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica, Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador, Licenciado em Filosofia e Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pelo Instituto Teológico São Bento, Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Professor Universitário de Introdução à Filosofia, Ética Profissional e Filosofia da Educação da Faculdade Parque. E-mail: andreluiz.pedreira@hotmail.com

\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia. E-mail: kbacelar@ufba.br



secundário diante da Vontade metafísica, que se constitui o conceito capital do autor, que serviu de pedra angular para a edificação de sua filosofia.

O fato de Schopenhauer ter chegado à constatação do caráter secundário e instrumental do intelecto, como também da sua ascensão à faculdade de razão, diante da Vontade irracional, isto não significa que se deva classificá-lo como ferrenho opositor do intelecto/razão, conceitos distintos, uma vez que em seu construto filosófico, a razão torna-se um poderoso componente, dado o seu grau inato de força, para a possibilidade da negação da vontade naqueles indivíduos que, por uma graça da natureza, possuem um excesso de inteligência, capaz de instaurar uma contradição no próprio fenômeno, a partir do reconhecimento da Vontade, enquanto essência, em todas as coisas, onde se dá a identidade do sujeito do querer no sujeito do conhecer.

O fato de termos chegado à constatação de que o intelecto é um conceito menor nos escritos de Schopenhauer, isto não inviabilizou a identificação de aspectos que mostraram sua relevância, ainda que em menor proporção, na exposição do pensamento único feito em sua obra mor, de que assim como o mundo “é, de um lado, inteiramente REPRESENTAÇÃO, é, de outro, inteiramente VONTADE” (SCHOPENHAUER, 2005, Unesp, p. 45).

Na filosofia de Schopenhauer, o intelecto é considerado físico, isto é, fenomenal, enquanto a Vontade é metafísica. Por ser físico, o intelecto como todo o mundo orgânico e inorgânico é objetividade/manifestação dessa Vontade, que se mostra em fenômenos, que variam em graus de visibilidade, mas que não se difere em essência. O intelecto, por sua vez, encontra-se submetido à Vontade. Aqui o autor estabelece uma radical ruptura com a tradição filosófica, uma vez que o intelecto, em seus princípios que garantem a possibilidade do conhecimento, não passa mais a se constituir numa verdade eterna. O intelecto, nessa diretriz assumida, perde o seu caráter infalível em termos de a tudo poder conhecer radicalmente, como também é esvaziado de sua substancialidade, passando a ser entendido de modo finito.

A fé na razão é da própria essência de toda empresa filosófica e a essa fé na nossa inteligência corresponde, dentro da tradição filosófica, a firme convicção de que as nossas faculdades racionais nada são senão a manifestação, embora apagada, de uma inteligência universal que impregna todas as coisas e as dirige para determinados fins, segundo um plano inteligente (SCHOPENHAUER, 1951, p. 09).

Como próprio fenômeno da Vontade, o intelecto só está habilitado a conhecer o que se encontra na ordem dos fenômenos, isto é, da representação. O que se conhece, por sua vez, através do intelecto em suas formas, a saber, espaço, tempo e causalidade, também denominadas de princípio de razão, são apenas fenômenos, sendo que a essência das coisas, ou seja, a Vontade, escapa às formas desse princípio.

De tudo o que foi dito se segue que a Vontade como coisa-em-si encontra-se fora do domínio do princípio de razão e de todas as suas figuras, e, por conseguinte, é absolutamente sem-fundamento, embora cada um de seus fenômenos esteja por inteiro submetido ao princípio de razão (SCHOPENHAUER, 2005, Unesp, p. 171-72).



O intelecto no corpo humano é o cérebro, que se constitui como objetividade da Vontade. Este órgão permite o exercício da faculdade do conhecimento, onde tudo que é fenômeno só pode ser objeto de conhecimento mediante as formas do princípio de razão, que são *a priori*. Estão no entendimento ou intelecto – (*Verstand*), antes da experiência, como condição de possibilidade da mesma, isto é, todo objeto exige necessariamente um sujeito que o capte nas formas do princípio de razão. Aqui, Schopenhauer mantém-se kantiano ao dizer que:

Aprendemos do grande Kant que tempo, espaço e causalidade encontram-se em nossa consciência segundo sua completa legalidade e possibilidade de todas as suas formas, inteiramente independentes dos objetos que neles aparecem e que constituem o seu conteúdo, ou, noutros termos, eles podem ser encontrados quer se parta do sujeito, quer se parta do objeto; daí com igual direito poder-se denominá-los modos de intuição do sujeito ou qualidade do objeto ENQUANTO OBJETO (em Kant fenômeno), ou seja, REPRESENTAÇÃO (SCHOPENHAUER, 2005, Unesp, p. 179).

Os animais também possuem intelecto, embora sejam carentes da faculdade de razão, que é específica dos homens. Tanto nos animais quanto nos homens, a Vontade está em constante atividade, mas diferente dos animais onde essa atividade se realiza de maneira cega, acompanhada tão somente de conhecimento intuitivo, no homem o conhecimento chega a conduzir esta atividade, pois se torna capaz de transformar o conhecimento intuitivo em conhecimento abstrato, graças à razão, propondo caminhos para realização das demandas da vontade. Tal faculdade, em alguns indivíduos, retirou a vontade fenomênica ou empírica do seu curso instintivo, isto é, da certeza da infalibilidade do instinto, perceptível claramente nos animais, deixando-lhe entregue ao erro e a hesitação. Porém em ambos seja, em essência, a mesma Vontade em objetividade, que no organismo humano, pela faculdade do conhecer, possui diferentes modos de manifestação.

A atividade do conhecimento tem, pois, o seu início com o aparecimento do cérebro e, por conseguinte, sua cessão com o seu desaparecimento. Isso acentua a temporalidade do intelecto cuja principal função é impor forma a toda experiência. Por sua condição física e estando na escala orgânica das objetividades, o intelecto encontra-se fadado ao perecimento, isto é, ao enfraquecimento de suas possibilidades, enquanto que a Vontade permanece imune aos efeitos do tempo, pois se encontra fora dele, uma vez que é a coisa-em-si. Contudo, o desaparecimento da atividade cerebral em um indivíduo, com a emergência da morte, não aniquila aquilo que é sua essência/Vontade, que permanece atuante, porém sem visibilidade, por conta da ausência de movimentos corporais. Mas, na ausência mesma de movimentos corporais atua as forças inorgânicas naquilo que foi orgânico, já que as Idéias<sup>1</sup> vivem em permanente conflito pela posse da matéria.

O filósofo acentua a temporalidade e a finitude do intelecto em oposição à Vontade imutável e intemporal [...] Schopenhauer menciona com insistência

---

<sup>1</sup>As Idéias em Schopenhauer são o tipo imutável de cada espécie, que mesmo num provável caso de extinção não estariam ameaçadas, já que são eternas. No processo de objetividade, as Idéias estariam no ponto intermediário entre Vontade e os fenômenos, ou seja, a Vontade primeiro se objetiva em Idéias e só depois elas se multiplicam em fenômenos que seriam suas cópias. As Idéias, portanto, teriam as mesmas qualidades de eterna e imutável que são atribuídas à Vontade como coisa-em-si. E o conflito decorrente das Idéias provém do fato de que o aparecimento de uma Idéia, enquanto cópia, no tempo, pressupõe a assimilação de uma outra. Estas por sua vez lutam entre si pela posse da matéria com o intuito de se afirmar.



a possibilidade da decrepitude, derradeiro grau de enfraquecimento do intelecto, a salvo da qual nenhum espírito pode se acreditar, se é verdade que ela atinge muitas vezes os melhores, ou aqueles que de alguma forma abusaram do intelecto (PERNIN, 1995, p. 95).

Schopenhauer em sua fenomenologia do intelecto enfatiza, em diversas passagens de sua obra, o seu caráter instrumental, ou seja, de que fora criado apenas para perseguir os interesses da vontade, em forma de objetividade, já que a Vontade em si nada quer, por se tratar de um impulso metafísico inconsciente. O homem enquanto objetividade por excelência da Vontade careceu de estágios anteriores para que viesse a ser tornar uma possibilidade. Nele se encontra assimiladas as objetividades vegetais e animais, com algumas exceções destas, que permitiram a evolução de sua Idéia/objetividade. E isso só foi possível mediante a faculdade de conhecimento, que possibilita o mundo como representação, meio de ajuda indispensável para que a objetividade humana chegasse ao ápice de sua evolução, que permite a realização dos dois impulsos da vontade: “la nutrición y la propagación” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 321).

O conhecimento em geral, quer simplesmente intuitivo ou racional, provém portanto originariamente da Vontade e pertence à essência dos graus mais elevados de sua objetivação, (...) um meio para conservação do indivíduo e da espécie como qualquer órgão do corpo. Por conseguinte, originariamente a serviço da Vontade para realização dos seus fins, o conhecimento permanece-lhe quase sempre servil, em todos os animais e em quase todos os homens (SCHOPENHAUER, 2005, Unesp, p. 217).

Diferente das outras objetividades, a saber, animais não racionais e vegetais, onde a causalidade se dá, no primeiro, por motivos desprovidos de conhecimento e, no segundo, por excitações, no homem, enquanto agir, se dá mediante motivos acompanhados pelo conhecimento. A cada motivo, por sua vez, segue-se um movimento do corpo ou da vontade, já que Schopenhauer estabelece o corpo e a vontade como uno. “Ademais, a identidade do corpo com a vontade também se mostra, entre outras coisas, no fato de que todo movimento excessivo e veemente da vontade, isto é, cada afeto, abala imediatamente o corpo e sua engrenagem interior (...)” (SCHOPENHAUER, 2005, Unesp, p. 159). Pela lei da motivação, o homem em seu agir dispõe do conhecimento, que lhe auxilia na marcha para a consecução dos desígnios da vontade.

Esse caráter instrumental do intelecto sinaliza que, se o homem não dispusesse de tal órgão capaz de conhecer, não chegaria a evoluir enquanto objetividade, pois não poderia dispor do processo de assimilação das outras formas de objetividade, que chegam a sua plenificação em razão de excitações. As excitações só prevalecem no homem em sua dimensão vegetativa, não, porém em seus atos de vontade, que se dão mediante motivos. Pelo conhecimento, o homem é capaz de executar as determinações que lhes são provocadas pelos motivos, que por estratégias chega a romper os limites que poderiam dificultar a sua sobrevivência/conservação.

## **A CONCEPÇÃO MATERIAL/OBJETIVA**

No segundo tomo do mundo como Vontade e Representação, Schopenhauer apresentou sua visão objetiva do intelecto, isto é, mostrou sua concepção material não substancializada, definindo-o como “(...) la función fisiológica de un órgano, el cerebro (...)” (SCHOPENHUAER,



2005, p. 314). A partir dessa definição e tendo como pressuposto que o intelecto possibilita a faculdade do conhecimento, por razões de sua própria materialidade, este fica condicionado apenas a conhecer fenômenos. Aqui, pode-se constatar a ruptura realizada por Schopenhauer com a tradição filosófica, ao mostrar o caráter temporal e limitado do intelecto, não mais correlacionado a uma idéia de alma, entendida como um pensar puro, que tornava dispensável a experiência.

Segundo a concepção objetiva do intelecto em Schopenhauer, se se admitisse uma alma esta seria uma produção físico-química cerebral, e por sua vez estaria limitada pelas condições dessa fisiologia, não tendo nenhum além físico por fundamento. Estaria dependente, enquanto faculdade de conhecer, do mundo externo/objeto, pois de nada adiantaria as formas do princípio de razão sem o mundo externo/objeto, já que essas formas, que só habilitam o conhecimento de fenômenos, não permitem ao homem conhecer aquilo que é em essência. O conhecimento da essência, portanto, dá-se não mediante o princípio de razão, mas através da experiência interna, ou seja, do intuitivo.

(...) Estamos justificados a afirmar que todo el mundo objetivo, tan ilimitado en el espacio, infinito en el tiempo e insondable en su perfección, en realidad es solo un cierto movimiento o afección de la masa cerebral en el cráneo (SCHOPENHAUER, 2005, p. 314).

O intelecto, portanto, permite a emergência do mundo como representação, tornando-se fundamento de sua possibilidade. A existência do mundo sob esse ponto de vista, a saber, da representação, depende unicamente de uma consciência que o conceba, como também a existência do mundo está vinculada a existência desse indivíduo. Cessando o indivíduo, desaparece o mundo como representação. Isso se deve ao fato de que versando apenas sobre fenômenos, o intelecto chega ao limite da sua possibilidade de conhecer, quando começa a Vontade, isto é, a coisa-em-si, que em termos últimos e gerais permanece sempre incognoscível.

O filósofo de Dantzig também sinaliza a diversidade de graus de intelecto que variam de acordo com as objetividades da Vontade. Nos animais, não há separação entre querer e conhecer, pois eles seguem as orientações inconscientes da Vontade que neles se objetiva. Nestes pode haver um tipo de conhecimento, porém diferente do humano, que lhe permitem “(...) una vaga percepción de su entorno inmediato, de la que resultan los motivos de su obrar encaminados a su conservación” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 320). Um conhecimento que lhe faz pressentir o perigo, mas completamente desprovido de consciência, isto é, não há aí um saber acerca da finalidade do seu agir/movimento. Os animais estão, pois, imersos no presente, pois pela ausência do conhecimento abstrato, próprio dos humanos, não podem prever o futuro e nem retornar ao passado no sentido de recordá-lo ou de tê-lo como causa de sua ação.

Assim, o pássaro constrói o ninho para suas crias que ele ainda não conhece; o castor ergue uma casa cujo fim lhe é desconhecido; a formiga, o *hamster* e a abelha reúnem provisão para o inverso desconhecido; a aranha e a formiga-leão preparam, como que por ponderada astúcia, armadilhas para a futura presa incógnita; os insetos põem seus ovos lá onde a futura larva encontrará futuro alimento (SCHOPENHUAER, 2005, Unesp, p. 227).





Na leitura schopenhaueriana, o cérebro do homem é considerado o mais perfeito, por isso o seu intelecto tornou-se mais complexo, isto é, alcançou uma enorme diferença em termos de grau e força, que variam de um indivíduo para o outro, dada a diversidade dos motivos, que por sua vez faz com que a vontade se torne consciente de si mesma. Por conta dessa ascensão cerebral, as necessidades se tornam cada vez maiores e mais complicadas, distanciando-se dos motivos reais, uma vez que com a faculdade de razão fez-se perder “(...) aquela segurança e infalibilidade das exteriorizações da Vontade (...)” (SCHOPENHAUER, 2005, Unesp, p. 217), que, portanto, permitiu ao homem a arte da dissimulação e do fingimento, já que entre ele e a vontade passa a se interpor motivos imaginários, que se distanciam dos motivos originários.

Schopenhauer considera o advento da razão como indissociável do advento da dissimulação e da ilusão. Pode-se dizer que, nesse momento, se percebe traços de “perversidade” na razão – segundo a visão de Schopenhauer. (...) ao mesmo tempo em que observa que, no cume da pirâmide da vontade, o homem alia a complexidade intelectual à capacidade de dissimulação (BRUM, 1998, p. 29).

Assim sendo, um intelecto poderoso, como aquele encontrado nos tipos superiores de homem definidos por Schopenhauer, a saber, o filósofo, o gênio e o santo, torna-se um obstáculo para a Vontade, enquanto manifestação. Este obstáculo, ou seja, o intelecto condiciona a forma pela qual a Vontade se manifesta, mas não altera o seu conteúdo originário. “Pues el excesivo desarrollo de la inteligencia obstaculiza directamente la firmeza do carácter y la resolución de la voluntad” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 324). Porém, como a natureza é aristocrática e econômica naqueles indivíduos que vem a dotar com um poderoso intelecto, capaz de feitos admiráveis, não haveria, segundo Schopenhauer, a necessidade de dotar com um tal intelecto, os homens que “pasen su vida dedicados a trabajos corporales y puramente mecânicos” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 325), já que a estes seriam suficiente um intelecto que assegurasse apenas a sua conservação.

Convêm, então, ressaltarmos de modo exaustivo, que Schopenhauer concebe materialmente o cérebro como um órgão central do sistema nervoso, que possui uma função fisiológica intitulada de intelecto, que permite unicamente a intuição do mundo externo nas formas do princípio de razão, ou seja, do mundo como representação/fenômeno, e que por este motivo não possibilita ao intelecto captar a coisa em si. Assim, o mundo como representação, primeiro ponto de vista sobre o mundo, nada mais é do que resultado de uma fisiologia, estando no próprio corpo, enquanto *physis*, as condições de sua possibilidade. Por conseguinte, o intelecto mediante sua faculdade de conhecimento assume uma função prática, destinado a perseguir os fins da vontade individual, mediante a apresentação de motivos. Por tal afirmação, o intelecto passa a ter uma função meramente servil.

De toda esta consideración objetiva del intelecto y su origen se deduce que está destinado a la captación de los fines en cuya consecución se basa la vida individual y su propagación, y en modo alguno a reproducir el ser en sí de las cosas y del mundo, existente al margen del conocimiento. (...) Antes bien, el intelecto, al proceder de la voluntad, está destinado solo a servirle, a captar los motivos: para eso ha sido dispuesto y de ahí que tenga una tendencia práctica (SCHOPENHAUER, 2005, p. 326).

Outro aspecto que acentua o caráter secundário do intelecto na filosofia de Schopenhauer é o fato da sua emergência posterior ao mundo e as outras formas de vida. Sob esta tese chega-se



a admissão de que a evolução da Idéia de homem seguida de sua objetividade na matéria só foi possível devido ao surgimento anterior das Idéias inferiores objetivadas em forças inorgânicas, vegetais e animais não racionais, pois que algumas dessas Idéias foram assimiladas pela Idéia de homem como condição de seu aparecimento em forma de matéria. Assim, as Idéias inferiores objetivadas estão parcialmente mortas pelo processo de assimilação da Idéia superior de homem.

Pode-se dizer, por conseguinte, que cada organismo só expõe a Idéia da qual é a imagem, após o desconto daquela parte de sua força que é empregada na dominação das Idéias mais baixas, que lutam constantemente contra ele pela matéria (SCHOPENHAUER, 2005, Unesp, p. 210-11).

Então, segundo o ponto de vista objetivo, o intelecto é objetividade da vontade, na totalidade do corpo, porém o cérebro é o órgão/parte que o representa. Por tal eminência do intelecto humano, diz Schopenhauer:

(...) el cérebro asciende hasta el intelecto, transpassa esos límites por medio de la forma cognoscitiva de la causalidad y así nace ne él la intuición como conciencia de la otras cosas, como una imagem de los seres en el espacio y el tiempo que cambia conforme a la causalidad (SCHOPENHAUER, 2005, p. 315).

Há, por conseguinte, uma concepção do intelecto segundo o ponto de vista subjetivo, que nada mais é do intelecto que nos é dado na consciência, isto é, o sujeito do conhecimento que por um lado reflete sobre sua condição de sustentáculo do mundo como representação e, por outro, através da experiência interna, dá-se conta de que é vontade, embora em ambas perspectivas acerca do intelecto, “a verdade é que o eu consciente é a mesma coisa que o cérebro, de um outro ponto de vista. Ambos exprimem a vontade no estágio em que as necessidades crescentes do organismo lhe impõem dar-se uma direção (...)” (PERNIN, 1995, p. 93). Isso acentua o fato de que o intelecto, independente do ponto de vista que seja pensado, não transpõe sua natureza fenomenal, já que não é o em si, e fisiológica, sendo função e resultado de um movimento cerebral.

Schopenhauer ao discorrer sobre o conceito de intelecto, enfatizando seu caráter de subordinação à Vontade Irracional, passou a ser considerado, dentro do panteón da filosofia, o primeiro filósofo a se opor ao racionalismo. Oposição, não no sentido de não reconhecer as potencialidades do intelecto, mas de lhe atribuir o devido lugar diante da Vontade, cega e incausada, que não se submete as suas determinações. Com esta afirmação, demonstrada a partir, não de experimentos, mas de uma observação atenta do mundo, Schopenhauer golpeou a metafísica tradicional, que atribuía poderes ilimitados ao intelecto em termos de conhecimento. Por ser físico, “aqui entendido como fenomenal e não como forte” (PERNIN, 1995, p. 96), o intelecto, com os tempos idos de um indivíduo, chega ao esgotamento de suas forças, ao contrário da Vontade, que além de imutável e intemporal, é potência e fonte de todas as forças naturais.

Entre esses fatos, está a contraposição entre a fadiga do intelecto e o caráter incansável da vontade; o conhecimento é trabalho penoso, a vontade é espontânea; a atividade da vontade é originária, contendo em si o seu próprio movimento, ao passo que a atividade intelectual é derivada e forçada. A



vontade já surge pronta e acabada no recém-nascido (aqui o filósofo invoca o testemunho de Cabanis). Por outro lado, o intelecto se desenvolve lentamente, acompanhando o desenvolvimento do cérebro (CACCIOLA, 1994, p. 122).

Com bases nesses aspectos assinalados, concluí-se que intelecto e Vontade possuem qualidades radicalmente distintas, sendo o primeiro a função de um órgão que “nasce, cresce, se enfraquece e morre, que balbucia na criança para declinar no velho” (PERNIN, 1995, p. 96), atingindo as mentes mais brilhantes da humanidade, cuja inteligência chegara ao ápice de sua iluminação, e a segunda, definiu-se como uma força onipotente que atua no fundo da consciência, submetendo-a constantemente a realização de seus interesses. Para ilustrar a diferença de qualidades entre intelecto e Vontade, Pernin chama a atenção para a metáfora de Schopenhauer, classificando-a como impressionante, quando este diz que a vontade é o cego vigoroso que carrega nos ombros o paralítico clarividente (intelecto), que “por eso está destinado a conocer las cosas solo en la medida en que proporcionan motivos a una voluntad tal, pero no para fundamentarlas o captar su ser en si” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 178), ou seja, Schopenhauer retirou todas as qualidades que desde a tradição filosófica foram legadas ao intelecto e as conferiu à Vontade, fazendo assim, uma reviravolta na história do pensamento ao admitir o irracional como cerne/essência de todas as coisas.

## REFERÊNCIAS

BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CACCIOLA, Maria Lúcia Melo Oliveira. *Schopenhauer e a Questão do Dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

PERNIN, Marie José. *Schopenhauer: Decifrando o enigma do mundo*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ROSENFELD, Anatol H. Prefácio. In: SCHOPENHAUER, Arthur. *O Instinto Sexual*. Tradução de Hans Koranyi. São Paulo: Livraria Correa Editora, 1951.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *El mundo como voluntad y representación II*. Tradução de Pilar López de Santa Maria. Espanha: Editorial Trota, 2005.